



MEDIEVALISTA

N.º 36 | Julho – Dezembro 2024

ISSN 1646-740X

**“To my surprise, I discovered...”: Harvey Sharrer e a
Literatura Portuguesa**

**“To my surprise, I discovered...”: Harvey Sharrer and Portuguese
Literature**

Cristina Sobral

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras
Departamento de Literaturas Românicas
1600-214 Lisboa, Portugal

csobral@campus.ul.pt

<https://orcid.org/0000-0002-0097-3959>

Data recepção do artigo / Received for publication: 3 de Junho de 2024

DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.8463>



Mais do que uma publicação de Harvey L. Sharrer no campo da Literatura Portuguesa começa com uma narrativa:

In July of 2002, in a visit to the Biblioteca Pública in Évora (...) I examined Cód. (...) for two texts entered in Bitagap (...). To my surprise, I discovered...¹

Se juntarmos todas as pequenas histórias que nos foi contando ao longo de décadas, obtemos duas lições: a primeira é que a Literatura Portuguesa deve a Harvey L. Sharrer um inestimável contributo para o seu conhecimento, no que se refere tanto à interpretação dos textos como ao alargamento do seu *corpus* e da sua *recensio*. A segunda diz-nos que devemos rephrasear um ditado muito conhecido: é que só quem procura, activa e diligentemente, acha, e não só o que procurava mas também o que os arquivos e bibliotecas portuguesas guardam silenciosamente. A história da investigação de Sharrer em Portugal é repleta de novidades: novos textos que desconhecíamos, novos testemunhos exumados, novas perspectivas de interpretação.

Harvey L. Sharrer foi recentemente homenageado pelos medievalistas portugueses, que se juntaram para lhe oferecer um volume de estudos intitulado “*Tenh’eu que mi fez el i mui gran ben*”. *Estudos sobre cultura escrita medieval dedicados a Harvey L. Sharrer*². Trata-se de um reconhecido tributo a uma carreira de investigação de que a Literatura Portuguesa, particularmente a medieval, muito recebeu. O volume inclui uma relação bibliográfica que enumera todas as publicações (escritas e orais) que H. Sharrer fez ao longo de 51 anos de fecunda investigação. Destacarei em seguida alguns dos seus mais importantes contributos.

¹ SHARRER, Harvey L.; FERREIRA, Manuel Pedro – “A late fifteenth-century portuguese plainchant treatise”. *Revista Portuguesa de Musicologia*, 14-15 (2004-2005), p. 101.

² Editado por Ricardo Pichel (Madrid: Sílex, 2022).

Boa parte do seu labor científico foi dedicado à Literatura Medieval em castelhano, em particular à literatura novelística, de matéria arturiana e não só. O tema também o interessou no âmbito da Literatura Portuguesa. Veja-se, por exemplo, o seu artigo³ sobre o uso, no século XV, do nome Briolanja, prova de transmissão manuscrita do Amadis de Gaula (texid 6301)⁴ anterior à *editio princeps* (Saragoça, Jorge Coci, 1508). Veja-se ainda o estudo⁵ sobre a data da tradução para português dos romances do ciclo arturiano a partir da presença de vestígios na lírica galego-portuguesa, no qual defende o bom conhecimento de Lancelot do Lago na corte de Afonso III, corroborando a atribuição por Ivo Castro ao rei Bolonhês da iniciativa de divulgação em Portugal dos romances em prosa, trazidos da França em meados de duzentos. O trabalho mereceu a boa recepção crítica de Elsa Gonçalves, que aproveita e reforça as deduções de Sharrer⁶.

Ainda no mesmo ano, a matéria novelística tocou outro género: a hagiografia. Num trabalho sobre a Vida de Santo Estáquio (texid 3616) no *Flos Sanctorum* de 1513 (manid 1021)⁷, Sharrer fez a primeira revisão crítica dos estudos de Mário Martins sobre a formação deste legendário⁸, pondo em causa a sua dependência directa da *Leyenda de los santos* (Burgos, Juan de Burgos, 1500), com argumentos filológicos pertinentes. Editou a Vida de Santo Eustáquio, registando em aparato as lições do

³ SHARRER, Harvey L. – “Briolanja as a name in early fifteenth-century Portugal: echo of a reworked portuguese Amadis de Gaula?”. *La Corónica* 19 (1990), pp. 112-118.

⁴ Neste artigo serei sucinta em informação bibliográfica que não seja da autoria de Harvey Sharrer. Bibliografia exaustiva sobre todas as obras da Literatura Portuguesa referidas pode ser consultada na base de dados BITAGAP. Para isso, indicarei sempre os *texid* (n.º de referência de texto) dos textos referidos e, quando pertinente, também os *manid* (n.º de referência de testemunho).

⁵ SHARRER, Harvey L. – “La materia de Bretaña en la poesía gallego-portuguesa”. In BELTRÁN, Vicente (ed.) – *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Santiago de Compostela, 2 al 6 de Diciembre de 1985)*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1988, pp. 561-569.

⁶ GONÇALVES, Elsa – “...nunca veerá... a face de Deus... A propósito de duas cantigas de D. Denis (B 1533-1534)”. In *De Roma a Lixboa*. A Coruña: Real Academia Galega, 2016, pp. 323-338 [1ª ed. 1997], p. 327. Veja-se ainda SHARRER, Harvey L. – “The Acclimatization of the Lancelot-Grail Cycle in Spain and Portugal”. In KIBLER, William W. (coord.) – *The Lancelot-Graal Cycle: Text and Transformations*. Austin: University of Texas Press, 1994, pp. 175-190.

⁷ SHARRER, Harvey L. – “The Life of St. Eustace in *Ho flos sanctorum em lingoagem português* (Lisbon, 1513)”. In CONNOLLY J. E.; DEYERMOND, A. D., DUTTON, B. (eds.). – *Saints and their Authors: Studies in Medieval Hispanic Hagiography in Honor of John K. Walsh*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1990, pp. 181-196.

⁸ MARTINS, Mário – “O livro e legenda dos santos mártires e o *Flos Sanctorum* de 1513”. In *Estudos de cultura medieval*. Vol. I, Lisboa: Verbo, 1969, 269-280; MARTINS, Mário – “O original em castelhano do *Flos Sanctorum* de 1513”. In *Estudos de cultura medieval*. Vol. I, Lisboa: Verbo, 1969, pp. 255-267.

incunábulo de Burgos e as do texto latino na edição de Graesse⁹, observando pela primeira vez que algumas lições do texto português se aproximam mais do texto latino do que do de Burgos¹⁰ e deduzindo que não houve dependência entre os dois legendários ibéricos, como de facto pude, mais tarde, amplamente confirmar¹¹.

Na última década do século passado, Sharrer encontrava-se já a trabalhar em pleno no projecto BITAGAP, em cuja equipa militavam também Arthur L.-F. Askins, Martha Schaffer e Aida F. Dias († 2014), e que pode ser considerado hoje o mais importante recurso para o estudo da Literatura Medieval Portuguesa e Galega. Aqui se registam todos os textos escritos em português até 1500 (por vezes um pouco mais), com um critério de inclusão tipológica que tem sido cada vez mais generoso. Inventaria-se, para cada texto, todos os testemunhos conhecidos, com sumária descrição codicológica e abundante informação bibliográfica. A amplitude deste projecto tem como consequência a sua infinitude mas o seu valor como ferramenta de trabalho para medievalistas de qualquer área (historiadores, críticos literários, filólogos, etc.) resulta do incansável e sistemático trabalho de pesquisa dos investigadores Askins, Sharrer e Schaffer ao longo de 36 anos.

Foi no âmbito da investigação para a BITAGAP que se produziram os felizes frutos de muitos trabalhos que Sharrer publicou a partir da década de 1990, cujos relatos evoquei no início deste texto. São descobertas felizes que resultam de uma sistemática verificação, em arquivos e bibliotecas, de muitas caixas e capilhas de manuscritos, passadas a pente fino durante muitas horas de trabalho, por vezes seguindo pistas (como as fornecidas pelo relatório de Avelino de Jesus da Costa

⁹ Note-se que, à data da publicação deste trabalho, ainda não existia a edição de Maggioni da *Legenda Aurea*. Confrontadas as duas edições (VORAGINE, Jacobus de – *Legenda aurea: vulgo historia Lombardica dicta ad optimorum librorum fidem*. Edita a Theodor Graesse. Lipsiae: Librariae Arnoldianae, 1846, pp. 712-718; VARAZZE, Iacopo da – *Legenda Aurea*. Edizione critica a cura di Giovanni Paolo Maggioni, seconda edizione rivista dall'autore. Firenze: Sismel-Edizioni del Galluzzo, 2000, pp. 1090-1098), constata-se que as variantes são mínimas e não afectam em nada a validade das conclusões de Sharrer.

¹⁰ SHARRER, Harvey L. – “The Life of St. Eustace”, p. 188.

¹¹ SOBRAL, Cristina – *Adições portuguesas no Flos Sanctorum de 1513*, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2000. Tese de doutoramento; SOBRAL, Cristina – “Eremitas orientais na *Leyenda de los Santos* (Burgos, 1500) e no *Flos Sanctorum* (Lisboa, 1513)”. In *Medievalismo en Extremadura. Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media*. Coord. Jesús Cañas Murillo, Francisco Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2009, pp. 589-601.

sobre fragmentos de pergaminhos antigos¹², por vezes conferindo catálogos antigos, outras vezes ainda seguindo pistas bibliográficas¹³ e mantendo sob vigilância catálogos de leilões¹⁴.

Foi assim que, em 2 de Julho de 1990, aconteceu a descoberta provavelmente de maior impacto no universo medievalista. Como ele mesmo narra¹⁵, Sharrer encontrava-se na Torre do Tombo (ainda nas antigas instalações de S. Bento) inspeccionando coberturas de encadernação de livros notariais para recolher informação para a BITAGAP, quando deparou com um fólio de grandes dimensões, usado como capa dum livro do cartório notarial de Lisboa, que continha poesia musicada. Ainda não disponibilizado na internet, já então se revelava a utilidade daquilo que Sharrer definiu como “um catálogo de fontes primárias para o estudo da cultura e língua vernácula em Portugal e na Galiza durante a Idade Média”¹⁶. Instalada no seu computador portátil, a BITAGAP incluía um incipitário da poesia lírica galego-portuguesa e assim pôde confirmar a sua suspeita: o pergaminho – hoje conhecido como pergaminho Sharrer (*manid* 1817) – continha sete cantigas de amor musicadas de D. Dinis. A descoberta era de extraordinária importância: das cantigas dos trovadores galego-portugueses apenas se conhecia até então a música de seis cantigas de amigo do trovador galego Martim Codax, registadas no Pergaminho Vindel (descoberto pelo livreiro Pedro Vindel em 1914, *manid* 1014). Com esta nova descoberta eram muitas as questões que se colocavam e os horizontes de análise que se abriam. No primeiro artigo publicado¹⁷, Sharrer não pôde ainda fazer mais do que enunciá-los: qual a relação da música das cantigas de

¹² COSTA, Avelino de Jesus da – “Fragmentos preciosos de códices medievais”, *Boletim do Arquivo Municipal de Braga* 1 (1949), pp. 421-434 (1ª parte); *Bracara Augusta* 2 (1950), p. 44-63. Cf. SHARRER, Harvey L. – “The discovery of seven cantigas d’amor by Dom Dinis with musical *notatio*”. *Hispania* 74 (1991), pp. 459-461.

¹³ SHARRER, Harvey L.; PINTO, Pedro – “Os fragmentos da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa”. In *Optimo magistro sodalium et amicorum munus. Homenagem a Aires A. Nascimento pelo seu 80º aniversário*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Clássicos, 2022, p. 523.

¹⁴ SHARRER, Harvey L. – “Translation, adaptation and ‘plagiarism’ in the *Tratado geral de nobreza*, attributed to António Rodrigues, Portugal King of Arms (Part 1)”. *eHumanista* 31 (2015), pp. 233-254.

¹⁵ SHARRER, Harvey L. – “The discovery of seven cantigas”.

¹⁶ SHARRER, Harvey L. – “Fragmentos de sete cantigas d’amor de D.Dinis, musicadas - uma descoberta”. In *Actas do Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Vol. I. Lisboa: Cosmos, 1991, p. 13.

¹⁷ SHARRER, Harvey L. – “The discovery of seven cantigas”.

amor com as de amigo conhecidas e com a das *Cantigas de Santa Maria*? Qual a relação entre a poesia (de temática diferente) e a música? O que revela o pergaminho quanto à língua de D. Dinis por comparação com a lição que transmitem os apógrafos italianos (Cancioneiro da Biblioteca Nacional, B; e Cancioneiro da Biblioteca Vaticana, V), ambas cópias do século XVI? Qual o estatuto do códice a que pertenceu o fólio encontrado? Era um cancioneiro individual (o *Livro das trovas de el-Rey Dom Dinis* referido no inventário da livraria de D. Duarte?) ou um cancioneiro colectivo como o antígrafo dos cancioneiros copiados em Itália? O que nos dizem as dimensões invulgares do fólio e a empaginação a três colunas? Anunciava-se uma edição do Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval para Lisboa e é para aí que são remetidas estas perguntas.

Na conferência feita em Lisboa e depois publicada¹⁸, o pergaminho é descrito codicologicamente e analisada a sua raridade enquanto manuscrito musicado a três colunas, em comparação com códices congéneres. A análise paleográfica confirma uma datação contemporânea de D. Dinis e ganha peso a hipótese de se tratar de um fólio de um códice proveniente do *scriptorium* dionisino. Nenhuma das hipóteses acerca do estatuto do códice é definitivamente arredada mas Sharrer argumenta, com pertinência, que, dadas as dimensões do fólio e o *corpus* dionisino conhecido, se fosse um cancioneiro individual não teria mais de 20 folhas, pelo que a hipótese do cancioneiro colectivo parece mais aceitável¹⁹.

As sete cantigas são transcritas e colacionadas com B e V, conduzindo Sharrer à confirmação do *stemma codicum* proposto por Ana Ferrari e Elsa Gonçalves para a lírica galego-portuguesa, segundo o qual B e V descendem directamente do mesmo antígrafo, contra a proposta de Tavani, que defendeu a existência de *codices interpositi*²⁰. Outras observações úteis para a compreensão do processo de transmissão das cantigas são a confirmação da sugestão de Ernesto Monaci de que

¹⁸ SHARRER, Harvey L. – “Fragmentos de sete cantigas”.

¹⁹ SHARRER, Harvey L. – “Fragmentos de sete cantigas”, p. 17.

²⁰ SHARRER, Harvey L. – “Fragmentos de sete cantigas”, p. 25.

o arquétipo da tradição era em escrita contínua²¹ e a observação de que V tende a ser mais fiel ao antecedente do que B²².

Em 1993, no *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (Lisboa: Caminho), no verbete “Pergaminho Sharrer” (pp. 523-536), o autor recolhe de novo as conclusões acerca do pergaminho²³ que foi baptizado com o seu nome e que tiveram a melhor recepção crítica por parte dos especialistas em lírica galego-portuguesa. Assim Elsa Gonçalves sublinhou a importância da descoberta deste manuscrito:

Antes da descoberta do fólio de pergaminho com fragmentos de sete cantigas de amor de D. Denis, acompanhadas da respectiva notação musical, o editor das cantigas do Rei Trovador [...] colocado perante um erro comum aos dois códices, conjecturava que a alteração da mensagem se teria produzido no antecedente do qual ambos os testemunhos derivam, directamente, segundo uns, através de códices intermediários, segundo outros. Mal imaginaria esse editor poder vir a verificar materialmente o acerto da sua conjectura.²⁴

Aponta alguns casos em que o novo testemunho pode contribuir para a revisão do estabelecimento do texto²⁵ e consagra no verbete “Tradição manuscrita da poesia lírica”²⁶ a maior probabilidade da proveniência do fólio de um cancionero colectivo. As conclusões de Sharrer são tidas em conta, pela sua validade, nos anos subsequentes: veja-se, em 1995, Elsa Gonçalves, sobre a importância do testemunho, a preferência pela hipótese do cancionero colectivo e a reafirmação da

²¹ SHARRER, Harvey L. – “Fragmentos de sete cantigas”, p. 22.

²² SHARRER, Harvey L. – “Fragmentos de sete cantigas”, p.25.

²³ Entretanto divulgadas também oralmente, em 1990, em Londres, no Medieval Hispanic Seminar, Queen Mary and Westfield College, University of London, numa comunicação intitulada “Seven cantigas de amor by king Dinis with musical notation”; em Buenos Aires no Seminario de Edición y Crítica Textual, Centro Argentino de Estudios Históricos Dr. Claudio Sanchez Albornoz e ainda em Mendoza (Argentina), na Asociación de Estudios Medievales da Universidad Nacional de Cuyo, com uma comunicação intitulada “Un nuevo códice medieval fe la obra de don Dinís, con anotación musical”.

²⁴ GONÇALVES, Elsa – *Poesia de rei*. Lisboa: Cosmos, 1991, p. 19.

²⁵ V. por exemplo GONÇALVES, Elsa – *Poesia de rei*, p. 30, comentário ao verso 5.

²⁶ GONÇALVES, Elsa – “Tradição manuscrita da poesia lírica”. In TAVANI, Giuseppe; LANCIANI, Giulia (eds.) – *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993, p. 630.

dependência de BV e T (pergaminho Sharrer) do mesmo antecedente²⁷. Veja-se ainda, em 2007, o comentário sobre a transcrição de Sharrer: "reconheço ser a de Sharrer perfeita e a minha não isenta de imperfeições"²⁸.

Em 2005, Manuel Pedro Ferreira já não questiona a proveniência do pergaminho, dando como facto que é um fólio sobrevivente de um cancioneiro colectivo²⁹. Neste trabalho, em que publica o seu estudo musicológico do fragmento, notável pela "sua notação musical"³⁰, narra o autor a série de vicissitudes que fizeram abortar o projecto anunciado por Sharrer em 1991 de uma publicação conjunta, que aliaria ao estudo musicológico de Ferreira um estudo de Sharrer que incluiria um esboço biográfico de D. Dinis, uma descrição paleográfica completa, uma transcrição diplomática, uma reflexão sobre o tipo de cancioneiro a que terá pertencido e a edição dos poemas, com traduções para o inglês e aparato crítico exaustivo. Dessas vicissitudes fazem parte o desastroso "restauro" do fragmento, feito na Torre do Tombo, o qual apagou parte do conteúdo³¹ e uma doença do investigador estadunidense. Desejava então Manuel Pedro Ferreira que este pudesse ainda publicar o estudo anunciado em 1991.

Pela familiaridade adquirida com os testemunhos da lírica galego-portuguesa foi Sharrer convidado a participar, em 2004, no Congresso *O Cancioneiro da Ajuda cen anos depois*, realizado pola Dirección Xeral de Promoción Cultural en Santiago de Compostela e na Ilha de San Simón os días 25-28 de maio, com uma conferência sobre o estado actual dos estudos sobre o Cancioneiro da Ajuda³². Neste balanço do estado da arte, Sharrer percorre o campo bibliográfico do Cancioneiro da Ajuda, desde a edição de D. Carolina Michäelis de Vasconcelos até às respectivas

²⁷ GONÇALVES, Elsa – "Tradição manuscrita e edição de textos: experiências ecdóticas no campo da lírica galego-portuguesa". *De Roma a Lixboa*. A Coruña: Real Academia Galega, 2016, p. 288.

²⁸ GONÇALVES, Elsa – "Sobre edições da lírica galego-portuguesa: uma reflexão". In *De Roma a Lixboa*. A Coruña: Real Academia Galega, 2016, p. 470.

²⁹ FERREIRA, Manuel Pedro – *Cantus Coronatus: Sete Cantigas de Amor D'el-Rei Dom Dinis*. Kassel: Reichenberger, 2005, p. 9.

³⁰ FERREIRA, Manuel Pedro – *Cantus Coronatus*, p. 9.

³¹ FERREIRA, Manuel Pedro – *Cantus Coronatus*, p. 54.

³² SHARRER, Harvey L. – "Estado actual de los estudios sobre el Cancioneiro da Ajuda". In ARBOR ALDEA, Mariña (ed.) – *O Cancioneiro da Ajuda cen anos depois. Actas do Congreso realizado pola Dirección Xeral de Promoción Cultural en Santiago de Compostela e na Illa de San Simón os días 25-28 de maio de 2004*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, 2004, pp. 41-54.

reimpressões. Identifica, além disso, claramente, as cópias parciais feitas no século XIX, fornecendo todos os detalhes sobre quem as fez e o percurso que seguiram, informação nova que resulta das pesquisas para a BITAGAP. Analisa as várias posições acerca da data de confecção do Cancioneiro, chamando a atenção para as dificuldades colocadas pela cronologia proposta por Resende de Oliveira à atribuição da iniciativa a Afonso X (Tavani). Dá conta do contributo das análises paleográfica, linguística, gráfica e estética para o esclarecimento de uma questão que continua em aberto.

Mais recentemente, em 2016, Sharrer foi de novo chamado a escrever algumas palavras sobre a lírica galego-portuguesa, desta vez para prefaciar um livro dedicado a Martim Codax e ao Pergaminho Vindel³³ que reúne colaborações históricas, codicológicas, paleográficas, musicológicas e filológicas. Para além do que compete a um prefácio, que é a apresentação dos estudos reunidos, Sharrer narra a descoberta do pergaminho por Pedro Vindel, sublinhando a importância única que a presença da música lhe confere, e – como não poderia deixar de ser – evoca a sua experiência com o pergaminho de D. Dinis, em tudo paralela a esta.

Também o contributo para o conhecimento dos géneros em prosa decorre, a partir do início deste século, da laboriosa pesquisa para a BITAGAP. Os membros da equipa sempre procuram ver directamente os manuscritos que registam, para a sumária descrição codicológica, para a transcrição de *incipit* e *explicit* e ainda para a observação cuidadosa de detalhes do testemunho que possam prestar informações úteis. Foi assim que entraram em contacto com um fragmento da *General Historia* de Afonso X encontrado em 1991 no Arquivo Distrital de Castelo Branco por Maria Clara Beato, aluna de Saúl António Gomes. Em 2002, Askins, Dias e Sharrer publicam na revista *Santa Barbara Studies* um artigo³⁴ sobre este testemunho que pode ser considerado um modelo de estudo de fragmento. Temos, em primeiro lugar, a história do conhecimento em Portugal da *General Estoria* de Afonso X (*texid* 1244),

³³ SHARRER, Harvey L. – “Limiar”. In ARBOR ALDEA, Mariña – *Martim Codax. Cantigas de amigo. Peramino Vindel*. Barcelona: Moleiro, 2016, 11-14.

³⁴ ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – “Um novo fragmento da *General Historia* de Afonso X em português medieval”. *Santa Barbara Studies*, first serie 6 (2002), pp. 134-156. O artigo foi republicado em ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – “Um novo fragmento da *General Estoria* de Afonso X em português medieval”. *Biblos*, 2ª série, 4 (2006), pp. 93-124.

história que começa com a descoberta, em 1945, por Avelino de Jesus da Costa, de um fragmento (quatro fólhos) não identificado mas inventariado no seu relatório como “Comentário em português ao Génesis”³⁵. A publicação do relatório³⁶ permitiu a Mário Martins³⁷ identificar o fragmento como parte de um grande manuscrito da *General estoria* de Afonso X. Na sequência desta publicação pôde Luís Filipe Lindley Cintra rever a fortuna da obra historiográfica de Afonso X em Portugal³⁸.

Até aqui, apenas se conheciam fragmentos da primeira parte da *General Estoria* (capítulos dos Livros 1, 5, 7 e 9), que “apontam para o facto de esta haver sido traduzida integralmente”³⁹. Comentários feitos por Fernão de Oliveira (*Grammatica da Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Germão Galharde, 1536) permitiam supor que também as outras partes tinham sido traduzidas na mesma época, ou seja, no reinado de D. João I. Mas provas concretas não havia. A descoberta do fragmento de Castelo Branco forneceu-as.

A equipa da BITAGAP solicitou o restauro do fragmento na Torre do Tombo, o que veio a acontecer e proporcionou o estudo feito por Askins, Dias e Sharrer. Fez-se a descrição codicológica e paleográfica e a letra foi datada do final do século XIV ou início do XV. Confirmou-se a identificação do texto, mas só a colação levada a cabo pelos três autores permitiu saber que este tem uma proveniência diferente daquela de onde vinham os fragmentos da primeira parte. Traduz um manuscrito espanhol que se afasta da primitiva redacção e que pertence à família do segundo estado do original⁴⁰, levando à conclusão de que se fizeram duas traduções da *General Estoria* para português, atestando um interesse notório em Portugal pela obra de Afonso X. Por fim, o artigo inclui uma edição do texto, com normas de transcrição conservadoras, como é devido em casos semelhantes de antiguidade do testemunho único, com explicação de erros e outros comportamentos do copista.

³⁵ ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – “Um novo fragmento”, p. 134.

³⁶ COSTA, Avelino de Jesus da – “Fragmentos preciosos”.

³⁷ MARTINS, Mário – “Fragmentos medievais portugueses”. *Brotéria* 50 (1950), pp. 403-414.

³⁸ CINTRA, Luís Filipe Lindley – “Sobre uma tradução portuguesa da *General Estoria* de Afonso X”. *Boletim de Filologia* 12 (1951), pp. 184-191.

³⁹ ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – “Um novo fragmento” p. 136.

⁴⁰ ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – “Um novo fragmento”, p. 139.

No mesmo ano em que colaborou no estudo do manuscrito de Castelo Branco da *General Estoria*, H. Sharrer esteve na Biblioteca Pública Municipal de Évora, onde foi surpreendido pela descoberta de dois tratados musicais, *Toões das antifonas* (texid 10144) e *Arte do canto chaão* (texid 10145), incluídos no cod. CXIII/1-40 e que, juntos, formam “the earliest known manual on plainchant in the Portuguese vernacular language”⁴¹, do final do século XV (1494-1497). Os mais antigos tratados do género, em português, eram dos séculos XVI (1560, de Fr. João Rodrigues) e XVII (1618, de Pedro Thalesio), enquanto o mais antigo em espanhol remonta a 1436. A cronologia do novo tratado, só por si, sublinha a importância da descoberta. H. Sharrer descreve codicologicamente o códice e recenseia os textos (além dos tratados musicais) que contém, entre os quais se destacam dois outros textos pouco comuns e com grande interesse cultural: o *Regimento do trintário ençarrado* (texid 10724) e o *Regimento do trintário de Santo Amador*. O artigo de 2004-2005 oferece ainda a edição do tratado musical, seguida da edição destes dois outros textos, que são, assim, disponibilizados para o estudo de um público de especialistas mais amplo do que o da Literatura Portuguesa. A edição, feita com critérios conservadores, inclui um aparato crítico⁴², e anotação explicativa do conteúdo, com notas musicológicas de Manuel Pedro Ferreira⁴³.

O mesmo rigor filológico caracteriza todos os trabalhos de H. Sharrer. Em 2015 comprou em leilão um manuscrito de mão do fim do século XVI-início do XVII que continha uma cópia do *Tratado geral de nobreza* (texid 12072), compêndio de heráldica e de teoria sobre a nobreza atribuído a António Rodrigues, Rei de Armas de Portugal. O texto traduz e refunde fontes espanholas e francesas do início do século XV e deve ser considerado “Um exemplo de movimento através das fronteiras no fim da Idade Média e início do Renascimento, que introduziu nos círculos cortesãos portugueses uma série de preceitos políticos e ideológicos que estavam sob discussão na Europa há várias décadas”⁴⁴. Conhecia-se através de um

⁴¹ SHARRER, Harvey L.; FERREIRA, Manuel Pedro – “A late fifteenth-century portuguese plainchant treatise”. *Revista Portuguesa de Musicologia* 14-15 (2004-2005), p. 102.

⁴² “Notas à edição”, SHARRER, Harvey L.; FERREIRA, Manuel Pedro – “A late fifteenth-century portuguese plainchant treatise”, p. 128.

⁴³ “Notas ao conteúdo”, SHARRER, Harvey L.; FERREIRA, Manuel Pedro – “A late fifteenth-century portuguese plainchant treatise”, pp. 128-129.

⁴⁴ SHARRER, Harvey L. – “Translation, adaptation”, p. 233.

manuscrito guardado na Biblioteca Pública Municipal do Porto (*manid* 3158), que Sharrer analisa e que colaciona com o testemunho recém-encontrado, chegando à conclusão de que este possui algumas lições melhores do que as do manuscrito do Porto, de onde conclui que são cópias independentes de um antecedente comum⁴⁵. Contesta o estatuto autógrafo do manuscrito do Porto e também discute a autoria do texto, à qual João Rodrigues (irmão de António Rodrigues) e João de Cró são bons candidatos. Por fim, propõe uma datação para a tradução portuguesa: 1508-1559⁴⁶. Em 2018, este tratado proporciona ainda um estudo⁴⁷ sobre uma tradução desconhecida de uma versão do conto do golfinho que salva o filho do rei de França e que explica etiológicamente o título (*dauphin*) dos herdeiros do trono francês, estudo este onde a colação dos dois testemunhos confirma as conclusões tiradas em 2015.

As surpreendentes descobertas não têm cessado nos últimos anos. Em 2014, estando na Biblioteca da Ajuda para conferir, para a BITAGAP, informações sobre os textos contidos num certo códice miscelâneo setecentista, H. Sharrer deparou-se com um texto intitulado “Historia que trata dos amores de Naseo e Amperadonia a qual dizem que fez Luiz da Sylveira Conde de Sortelha”⁴⁸. Tratava-se da novela sentimental conhecida por um manuscrito do século XVI (manuscrito Asensio, Cod. 11353 da Biblioteca Nacional, *manid* 3517), de autor desconhecido, sem título e truncada no final (*texid* 18953). O manuscrito identificado por Sharrer na Biblioteca da Ajuda oferece uma versão mais completa, com final, adiciona uma poesia ao conjunto que o ms. Asensio já tinha e atribui a novela a um poeta do *Cancioneiro Geral*, Luís da Silveira (1481-1533). Esta atribuição permite recuar o *terminus ad quem* da composição da novela, colocado por E. Asensio em 1543-1546, para 1516-1517, contemporânea, portanto, da impressão do *Cancioneiro Geral*. Além destes novos dados, Sharrer analisou temática e formalmente alguns dos poemas incluídos

⁴⁵ SHARRER, Harvey L. – “Translation, adaptation”, p. 236.

⁴⁶ SHARRER, Harvey L. – “Translation, adaptation”, pp. 237-244.

⁴⁷ SHARRER, Harvey L. – “Tres versiones peninsulares del cuento del delfín servicial”. In *Actas de las XII Jornadas Internacionales de Literatura Española Medieval “La Celestina” y lo celestinesco. Homenaje al Profesor Joseph Thomas Snow*. Vol. I. Buenos Aires: Pontificia Universidad Católica Argentina Santa María de los Buenos Aires - Facultad de Filosofía y Letras, 2018, pp. 175-86.

⁴⁸ SHARRER, Harvey L. – “Um poeta do *Cancioneiro Geral* e as poesias intercaladas na novela sentimental *Naseo e Amperidónia*”. In ZINATO, Andrea; BELLONI, Paola (eds.) – *Poesía, poéticas y cultura literaria*. Como, Pavia: Ibis, 2018, p. 414.

na novela, comparando-os com a poética dos autores do *Cancioneiro* de Garcia de Resende, o que lhe permitiu reforçar a probabilidade de Luís da Silveira ser, de facto, o autor da novela. Outro aspecto digno de nota – e de estudo – que falta no testemunho do manuscrito Asensio é o “desenlace feliz de amor adúltero (um tema pouco frequente na ficção sentimental dos séculos XV e XVI), cuja história é deixada em aberto para uma possível continuação (ff. 228v-231r)”. Assim o enunciou Sharrer na sua muito recente colaboração na Exposição *Descubra as Diferenças*, cujas notas explicativas se reuniram em livro⁴⁹.

Em 2022 publica-se o fruto de uma descoberta feita em 2009, mais uma vez no âmbito das pesquisas para a BITAGAP. Com Pedro Pinto, Sharrer identifica na Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa “vários fragmentos em papel de traduções portuguesas da *Historia Scholastica*, a mais antiga do século XV, e as demais do início do século XVI” (*texid* 1048)⁵⁰. O conjunto de manuscritos provém da biblioteca de João José de Mendonça Cortês (1836-1912), antigo Par do Reino, que o terá adquirido a Francisco Joaquim Pereira e Sousa (†1851)⁵¹. Da obra de Pedro Comestor traduzida para português conhecia-se, até então, a existência de um manuscrito alcobacense (Alc. 349), perdido mas editado por Fr. Fortunato de São Boaventura, um fragmento do século XVIII conservado na Biblioteca Pública de Évora (Cod. CXXX/1-8) e um testemunho na chamada Bíblia de Lamego (cópia *ad quem* 1552). Na Faculdade de Direito, Sharrer e Pinto identificaram: um testemunho (Fragmento A) em papel, letra gótica cursiva de meados e finais século XV, que contém capítulos do Génesis, com epígrafes coincidentes com as do Alc. 349, mas que não é uma sua cópia; outro testemunho (Fragmentos B), em papel, letra cursiva de 1501-1520, que moderniza a língua e a grafia, mas que preserva alguns traços linguísticos antigos. Este segundo testemunho tem relação estreita com o Alc. 349, com o fragmento A e com a Bíblia de Lamego. Ambos os fragmentos A e B fornecem, em vários lugares, texto ausente ou ilegível no Alc. 349⁵², contribuindo, portanto,

⁴⁹ SHARRER, Harvey L. – “Nota explicativa 8”. In *Descubra as diferenças. Variação na literatura portuguesa desde a Idade Média até antontem*. Org. J. Dionísio, C. Pimenta, C. Defenu. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2023, p. 14. [Consultado a 28 Maio 2024]. Disponível em <https://variacao.tobeunlikely.pt/luis-da-silveira/>.

⁵⁰ SHARRER, Harvey L.; PINTO, Pedro – “Os fragmentos da *Historia Scholastica*”, p. 524.

⁵¹ SHARRER, Harvey L.; PINTO, Pedro – “Os fragmentos da *Historia Scholastica*”, pp. 524-525.

⁵² SHARRER, Harvey L.; PINTO, Pedro – “Os fragmentos da *Historia Scholastica*”, pp. 527, 530.

decisivamente para uma reconstituição do arquétipo. Os dois autores do artigo descrevem o conteúdo dos fragmentos e propõem uma revisão do *stemma codicum* avançado por Mariana Leite com base numa análise externa dos testemunhos⁵³. O *stemma* alternativo de Sharrer e Pinto fundamenta-se numa colação mais exaustiva dos testemunhos, embora os dados da colação ainda não se apresentem. Espera-se por uma futura edição crítica do texto.

As chamadas “Cartas de Itália” (*texid* 31022) são outro conjunto de textos, de grande relevo cultural e histórico, que têm beneficiado do persistente labor inquisitivo da equipa BITAGAP. Trata-se de um conjunto de cartas enviadas de Itália em 1452, a Afonso V, pelos embaixadores que acompanharam a princesa Leonor de Portugal no seu casamento com Frederico III da Alemanha. Em 1935, conhecia-se um conjunto de quatro cartas remetidas por Lopo de Almeida e uma carta remetida por Luís Gonçalves Malafaia, com testemunhos dos sécs. XVII e XVIII conservados nas Bibliotecas do Porto, de Évora e Nacional, além da cópia impressa por Caetano de Sousa nas *Provas Genealógicas da Casa Real Portuguesa*. É nestes testemunhos que se fundamenta a edição de Lapa de 1935⁵⁴, tomando como testemunho-base o manuscrito do Porto, alegadamente cópia de originais da Torre do Tombo⁵⁵. Em 1965, Andrée Crabée Rocha localizou outro testemunho das quatro cartas de Almeida na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra⁵⁶.

No final dos anos 80, a equipa BITAGAP identificou mais três conjuntos de testemunhos: um conjunto na Torre do Tombo (ms. do fim do século XVII ou início do XVIII); um conjunto proveniente da Casa de Fronteira, hoje na Torre do Tombo (fim do século XVI); e um terceiro conjunto mencionado no catálogo de Carlos Silva

⁵³ LEITE, Mariana – “Os testemunhos da tradução portuguesa da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor: consequências ideológicas da selecção de fontes”. *Cahiers d'études hispaniques médiévales* 33 (2010), p. 187.

⁵⁴ LAPA, Manuel Rodrigues (ed.) – *Cartas de Itália*. Lisboa: Imprensa Nacional, Centro de Estudos Filológicos, 1935.

⁵⁵ ASKINS, A. L.-F.; SCHAFFER, Martha E.; SHARRER, Harvey L. – “A new set of *Cartas de Itália* to Afonso V of Portugal from Lopo de Almeida and Luís Gonçalves Malafaia”. *Romance Philology* 57 Fall (2003), pp. 74-75.

⁵⁶ ASKINS, A. L.-F.; SCHAFFER, Martha E.; SHARRER, Harvey L. – “A new set of *Cartas de Itália*”, p. 75.

Tarouca da biblioteca dos Duques de Cadaval que estava desaparecido e que seria o testemunho mais antigo (do século XVII, segundo Tarouca).

A equipa da BITAGAP sabia que em 1885 fora leiloadada em Londres a livraria de Carlos Stuart, Barão de Rothesay (1779-1845), diplomata em Portugal, Espanha e Brasil. O catálogo do leilão anunciava um volume manuscrito que, entre outras cartas, continha as quatro de Lopo de Almeida, vendidas a um "Guerra". Vêm elas a aparecer em 1980 num catálogo de manuscritos portugueses da Biblioteca do Congresso. Trata-se de uma cópia do século XIX, talvez cópia da edição impressa de Caetano de Sousa. No mesmo catálogo do leilão da livraria de Carlos Stuart menciona-se outro códice manuscrito, comprado pela British Library. Em 1932, o *Catálogo dos Manuscritos Portugueses... existentes no Museu Britânico*, publicado pelo Conde de Tovar, indica a presença de cartas de Lopo de Almeida, dando-as como copiadas em 1635. Os *bitagapers* assumem então que se tratava apenas de mais uma cópia das quatro cartas conhecidas. Porém, a obrigação que se impõem de verificar toda a informação e de descrever os testemunhos para a base de dados compeliu-os, como habitualmente, a uma visita presencial. E foi assim que A. Askins, Martha Schaffer e H. Sharrer descobriram, num códice miscelâneo do século XVII conservado na British Library, uma nova cópia destas cartas, acrescentadas de uma nova carta de Lopo de Almeida, até então totalmente desconhecida. Acresce que três das cartas já conhecidas têm neste códice uma versão mais completa⁵⁷.

No artigo publicado na *Romance Philology*, os três autores fazem o estado da arte no que se refere ao conhecimento desta importante fonte histórica, que alguns consideram também fonte literária⁵⁸, oferecem uma breve descrição material dos testemunhos da British Library e a descrição do conteúdo, com destaque para as diferenças relativamente aos testemunhos anteriormente conhecidos⁵⁹.

⁵⁷ ASKINS, A. L.-F.; SCHAFFER, Martha E.; SHARRER, Harvey L. – "A new set of *Cartas de Itália*", p. 71.

⁵⁸ Como Andréa Crabée Rocha, cf. ASKINS, A. L.-F.; SCHAFFER, Martha E.; SHARRER, Harvey L. – "A new set of *Cartas de Itália*", p. 74.

⁵⁹ ASKINS, A. L.-F.; SCHAFFER, Martha E.; SHARRER, Harvey L. – "A new set of *Cartas de Itália*", pp. 80, 83-84, 85.

A importância dos textos recomenda uma nova edição crítica, que tome na devida conta os testemunhos encontrados depois da edição de Lapa, por isso os três autores anunciam que "An edition of all this new material is in progress, under the direction of Harvey L. Sharrer"⁶⁰. Referem-se apenas a uma edição das cartas segundo a versão do manuscrito da British Library mas, ainda assim, este é um conjunto de textos que não pode ser editado com pressa, não só porque a edição não poderia dispensar a outra versão dos textos e a dimensão das variantes exige trabalho atento e esforçado, como sobretudo porque o número dos testemunhos não para de crescer. Em 2003, conheciam-se oito testemunhos da versão breve (versão B) das cartas e tinha-se notícia da existência de mais um testemunho em Muge, proveniente da biblioteca da Casa Cadaval. Em 2021, Askins e Sharrer fazem uma actualização do estado da questão⁶¹ e contam mais oito testemunhos da versão B, encontrados de novo, entre os quais o testemunho de Muge⁶².

Nesta actualização inclui-se ainda uma recensão da bibliografia recente que usa as cartas de Itália como fonte. Dos 11 trabalhos recenseados conclui-se que as cartas continuam a ser consideradas de grande interesse e usadas sobretudo em trabalhos de historiografia, mas também se conclui que é usado sobretudo o conjunto de cartas na versão B, na edição de Lapa. Ainda que vários autores conheçam, através do artigo de 2003, a existência da versão A e a carta adicional de Malafaia, nenhum tomou a iniciativa de procurar ver em Londres os manuscritos, com excepção de Diogo Faria⁶³, que transcreve as duas cartas, embora, segundo Askins e Sharrer, e sem razão que se entenda, use no seu trabalho sobretudo a versão B na edição Lapa. Este estado de coisas mostra bem como a edição crítica das duas versões continua a ser muito necessária.

Chegados a este ponto, fica evidente que uma revisitação do trabalho de Harvey L. Sharrer ao longo das últimas décadas é indissociável da história do projecto

⁶⁰ ASKINS, A. L.-F.; SCHAFFER, Martha E.; SHARRER, Harvey L. – "A new set of *Cartas de Itália*", p. 79.

⁶¹ ASKINS, Arthur L.-F., SHARRER, Harvey L. – "The *Cartas de Itália* to Afonso V of Portugal (versions A and B): review and update". *Romance Philology* 75 (Fall 2021), pp. 209-217.

⁶² ASKINS, Arthur L.-F., SHARRER, Harvey L. – "The *Cartas de Itália*", pp. 211-212.

⁶³ FARIA, Diogo Nuno Machado Pinto – *A diplomacia dos reis de Portugal no final da Idade Média (1433-1495)*, Porto: Universidade do Porto, 2021. Tese de doutoramento.

BITAGAP. Muito do seu trabalho foi feito em equipa (como se vê pela co-autoria dos textos que acabo de descrever), para cuja produtividade contribuiu abundantemente. Em 2002, nos *Fragmentos de textos medievais portugueses na Torre do Tombo*, livro assinado com A. Askins e A. Dias⁶⁴, os três dão conta de 15 novos fragmentos recuperados, entre os quais de textos tão importantes como o *Orto do Esposo* (*textid* 1082), as *Colações* de João Cassiano (*textid* 1174) ou as *Partidas* de Afonso X (*textid* 1214, 1132, 16131, 1133, 1215). Na descrição destes 15 fragmentos⁶⁵ encontra-se sete vezes a menção “encontrado e transcrito por Harvey Sharrer” ou expressão equivalente. O livro regista também seis fragmentos já divulgados⁶⁶ mas que estavam perdidos há muitos anos, entre eles o pergaminho Sharrer.

Regista ainda cinco novos códices manuscritos, que estavam perdidos na Torre do Tombo e de cuja existência não se suspeitava⁶⁷. Contêm testemunhos de cinco textos, um dos quais totalmente novo, *O Novo memorial do estado apostólico* (Crónica dos Lóios), de Paulo de Portalegre (*textid* 9570), e outro de cuja tradução para português também não tínhamos conhecimento, o *Inventário ou recolhimento em a parte cirurgical da física* (*textid* 9791, tradução da primeira metade do séc.XV de *Chirurgia vel inventarium seu collectorium in parte chirurgicali medicinae*, de Guy de Chauliac, c. 1289-1368). O primeiro, já editado criticamente, tem prestado útil contributo aos estudos históricos sobre a Congregação de São João Evangelista (Lóios)⁶⁸. É de sublinhar também um novo ms. da tradução dos *Diálogos de São Gregório* (*textid* 1109, *manid* 1840), que pode agora ser chamado à colação, com os restantes três testemunhos conhecidos, permitindo uma reavaliação do *stemma codicum* proposto por Rosa Virgínia Mattos e Silva⁶⁹ e uma nova edição crítica da tradução portuguesa desta obra fundamental do monaquismo ocidental.

⁶⁴ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – *Fragmentos de textos medievais portugueses na Torre do Tombo*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2002.

⁶⁵ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – *Fragmentos de textos medievais portugueses*, pp. 8-14.

⁶⁶ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – *Fragmentos de textos medievais*, pp. 15-16.

⁶⁷ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – *Fragmentos de textos medievais*, pp. 16-18.

⁶⁸A bibliografia pertinente pode ser consultada na BITAGAP, seguindo o *textid* do texto.

⁶⁹SILVA, Rosa Virgínia Mattos e, “As versões medievais portuguesas dos *Diálogos de S. Gregório* (Relações entre os mss.)”. *Bolletim de Filologia* 22 (1971), p. 27.

Os três códices em tão boa hora reaparecidos devem a sua nova fortuna à luz do dia e a sua entrega à ciência a Harvey Sharrer, que os encontrou aos três na Torre do Tombo. Mas o trabalho deste “bilio-arqueólogo” não se reduz a fazer exumar da Caixa Forte da Torre do Tombo ou das bibliotecas e arquivos nacionais espécies preciosas de antigos manuscritos. A recompensa por uma minuciosa perseguição de pistas e uma consistente prática de registo e descrição sempre baseada em visão directa dos testemunhos foi muitas vezes a feliz descoberta de novidades. Mas as etapas seguintes incluem investigar para identificar os textos, situar a redacção e/ou tradução, atribuindo-a ao seu autor, discutir problemas colocados pela novidade do que foi encontrado e que frequentemente questiona o que até então se sabia, contextualizar circunstâncias de escrita ou de cópia, descrever codicologicamente o manuscrito e, muitas vezes, definir critérios de edição e normas de transcrição, sempre cuidadosamente conservadoras, editar e propor interpretações, anotando e carregando informações úteis à leitura dos textos. Sempre fiel a este irrepreensível método filológico, Harvey Sharrer, ao longo das últimas décadas, além do que conseguiu entregar-nos, abriu caminho para muitos outros trabalhos, levados a cabo por investigadores que seguiram as suas pistas e que pegaram no fio da meada que ele deixou bem dobrada e pronta para ser tecida. No seu caminho esteve a BITAGAP, “armazém ou inventário da memória colectiva do património cultural escrito das línguas vernáculas galega e portuguesa durante a Idade Média”⁷⁰.

⁷⁰ SHARRER, Harvey L. – “Bitagap (Bibliografia de textos antigos galegos e portugueses): um armazém da memória histórica”. In PICHEL, Ricardo (ed.) – *“Tenh’eu que mi fez el mui gram ”em”*. *Estudos sobre cultura escrita medieval dedicados a Harvey L. Sharrer*. Madrid: Sílex, 2022, p. 39.

Referências bibliográficas

Estudos de Harvey L. Sharrer

SHARRER, Harvey L. – “La materia de Bretaña en la poesía gallego-portuguesa”. In BELTRÁN, Vicente (ed.) – *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Santiago de Compostela, 2 al 6 de Diciembre de 1985)*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1988, pp. 561-569.

SHARRER, Harvey L. – “Briolanja as a name in early fifteenth-century Portugal: echo of a reworked portuguese Amadis de Gaula?”. *La Corónica* 19 (1990), pp. 112-118.

SHARRER, Harvey L. – “The Life of St. Eustace in *Ho flos sanctorum em lingoagem português* (Lisbon, 1513)”. In CONNOLLY, J. E.; DEYERMOND, A. D., DUTTON, B. (eds.) – *Saints and their Authors: Studies in Medieval Hispanic Hagiography in Honor of John K. Walsh*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1990, pp. 181-196.

SHARRER, Harvey L. – “The discovery of seven *cantigas d’amor* by Dom Dinis with musical *notatio*”. *Hispania* 74 (1991), pp. 459-461.

SHARRER, Harvey L. – “Fragmentos de sete cantigas d’amor de D.Dinis, musicadas – uma descoberta”. In *Actas do Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Vol. I. Lisboa: Cosmos, 1991, pp. 13-29.

SHARRER, Harvey L. – “Pergaminho Sharrer”. In TAVANI, Giuseppe; LANCIANI, Giulia (eds.) – *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993, pp. 534-536.

SHARRER, Harvey L. – “The Acclimatization of the Lancelot-Grail Cycle in Spain and Portugal”. In KIBLER, William W. (coord.) – *The Lancelot-Graal Cycle: Text and Transformations*. Austin: University of Texas Press, 1994, pp. 175-190.

ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – *Fragmentos de textos medievais portugueses na Torre do Tombo*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2002.

ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. – “Um novo fragmento da *General Historia* de Afonso X em português medieval”. *Santa Barbara Studies*, first serie 6 (2002), pp. 134-156.

ASKINS, A. L.-F.; SCHAFFER, Martha E.; SHARRER, Harvey L. – “A new set of *Cartas de Itália* to Afonso V of Portugal from Lopo de Almeida and Luís Gonçalves Malafaia”. *Romance Philology* 57 (Fall 2003), pp. 71-88.

SHARRER, Harvey L. – “Estado actual de los estudios sobre el Cancioneiro da Ajuda”. In ARBOR ALDEA, Mariña (ed.) – *O Cancioneiro da Ajuda cen anos depois. Actas do Congresso realizado pola Dirección Xeral de Promoción Cultural en Santiago de Compostela e na Illa de San Simón os días 25-28 de maio de 2004*. Santiago de

Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, 2004, pp. 41-54.

SHARRER, Harvey L.; FERREIRA, Manuel Pedro – “A late fifteenth-century portuguese plainchant treatise”. *Revista Portuguesa de Musicologia*, 14-15 (2004-2005), pp. 101-130.

ASKINS, A. L.-F.; DIAS, Aida F.; SHARRER, Harvey L. - “Um novo fragmento da *General Estoria* de Afonso X em português medieval”. *Biblos*, 2ª série, 4 (2006), pp. 93-124.

SHARRER, Harvey L. – “Translation, adaptation and ‘plagiarism’ in the *Tratado geral de nobreza*, attributed to António Rodrigues, Portugal King of Arms (Part 1)”, *eHumanista* 31 (2015), pp. 233-254.

SHARRER, Harvey L. – “Limiar”. In ARBOR ALDEA, Mariña – *Martim Codax. Cantigas de amigo. Peramino Vindel*. Barcelona: Moleiro, 2016, pp. 11-14.

SHARRER, Harvey L. – “Tres versiones peninsulares del cuento del delfín servicial”. In *Actas de las XII Jornadas Internacionales de Literatura Española Medieval “La Celestina” y lo celestinesco. Homenaje al Profesor Joseph Thomas Snow*. Vol. I. Buenos Aires: Pontificia Universidad Católica Argentina Santa María de los Buenos Aires – Facultad de Filosofía y Letras, 2018, pp. 175-86.

SHARRER, Harvey L. – “Um poeta do *Cancioneiro Geral* e as poesias intercaladas na novela sentimental *Naceo e Amperidónia*”. In ZINATO, Andrea; BELLOMI, Paola (eds.) – *Poesía, poéticas y cultura literaria*. Como, Pavia: Ibis, 2018, pp. 413-426.

ASKINS, Arthur L.-F.; SHARRER, Harvey L. – “The *Cartas de Itália* to Afonso V of Portugal (versions A and B): review and update”. *Romance Philology* 75 (Fall 2021), pp. 209-217.

SHARRER, Harvey L. – “Bitagap (Bibliografia de textos antigos galegos e portugueses): um armazém da memória histórica”. In PICHEL, Ricardo (ed.) – “*Tenh’eu que mi fez el mui gram ”em*”. *Estudos sobre cultura escrita medieval dedicados a Harvey L. Sharrer*. Madrid: Sílex, 2022, pp. 39-67.

SHARRER, Harvey L.; PINTO, Pedro – “Os fragmentos da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa”. In *Optimo magistro sodalium et amicorum munus. Homenagem a Aires A. Nascimento pelo seu 80º aniversário*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Clássicos, 2022, pp. 515-534.

SHARRER, Harvey L. – “Nota explicativa 8”. In *Descubra as diferenças. Variação na literatura portuguesa desde a Idade Média até anteontem*. Org. J. Dionísio, C. Pimenta, C. Defenu. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2023, p. 14. [Consultado a 28 Maio 2024]. Disponível em <https://variacao.tobeunlikely.pt/luis-da-silveira/>.

Outros estudos

ASKINS, Arthur L.-F. (dir.). – *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses* (BITAGAP). Berkeley: The Bancroft Library, University of California, 1997. [Consultado a 28 Maio 2024]. Disponível em https://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html

COSTA, Avelino de Jesus da – “Fragmentos preciosos de códices medievais”. *Boletim do Arquivo Municipal de Braga* 1 (1949), pp. 421-434 (1ª parte); *Bracara Augusta* 2 (1950), pp. 44-63.

FARIA, Diogo Nuno Machado Pinto – *A diplomacia dos reis de Portugal no final da Idade Média (1433-1495)*, Porto: Universidade do Porto, 2021. Tese de doutoramento.

FERREIRA, Manuel Pedro – *Cantus Coronatus: Sete Cantigas de Amor D’el-Rei Dom Dinis*. Kassel: Reichenberger, 2005.

GONÇALVES, Elsa – *Poesia de rei*. Lisboa: Cosmos, 1991.

GONÇALVES, Elsa – “Tradição manuscrita da poesia lírica”. In TAVANI, Giuseppe; LANCIANI, Giulia (eds.) – *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993, pp. 627-632.

GONÇALVES, Elsa – *De Roma ata Lixboa. Estudos sobre os cancioneiros galego-portugueses*, ed., João Dionísio, Henrique Monteagudo, Maria Ana Ramos. A Coruña: Real Academia Galega, 2016.

GONÇALVES, Elsa – “Tradição manuscrita e edição de textos: experiências ecdóticas no campo da lírica galego-portuguesa”. In *De Roma a Lixboa*. A Coruña: Real Academia Galega, 2016, pp. 283-301 [1ª ed. 1995].

GONÇALVES, Elsa – “...nunca veerá... a face de Deus... A propósito de duas cantigas de D. Denis (B 1533-1534)”. In *De Roma a Lixboa*. A Coruña: Real Academia Galega, 2016, pp. 323-338 [1ª ed. 1997].

GONÇALVES, Elsa – “Sobre edições da lírica galego-portuguesa: uma reflexão”. In *De Roma a Lixboa*. A Coruña: Real Academia Galega, 2016, pp. 455-500 [1ª ed. 2007].

LAPA, Manuel Rodrigues (ed.) – *Cartas de Itália*. Lisboa: Imprensa Nacional, Centro de Estudos Filológicos, 1935.

LEITE, Mariana – “Os testemunhos da tradução portuguesa da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor: consequências ideológicas da selecção de fontes”. *Cahiers d’études hispaniques médiévales* 33 (2010), pp. 183-194 [Consultado a 28 Maio 2024]. Disponível em https://www.persee.fr/doc/cehm_1779-4684_2010_num_33_1_2240.

MARTINS, Mário – “Fragmentos medievais portugueses”. *Brotéria* 50 (1950), pp. 403-414.

MARTINS, Mário – “O livro e legenda dos santos mártires e o *Flos Sanctorum* de 1513”. In *Estudos de cultura medieval*. Vol. I, Lisboa: Verbo, 1969, pp. 269-280.

MARTINS, Mário – “O original em castelhano do *Flos Sanctorum* de 1513”. In *Estudos de cultura medieval*. Vol. I. Lisboa: Verbo, 1969, pp. 255-267.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e – “As versões medievais portuguesas dos *Diálogos de S. Gregório* (Relações entre os mss.)”. *Bolletim de Filologia* 22 (1971), pp. 17-32.

SOBRAL, Cristina – *Adições portuguesas no Flos Sanctorum de 1513*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2000. Tese de doutoramento.

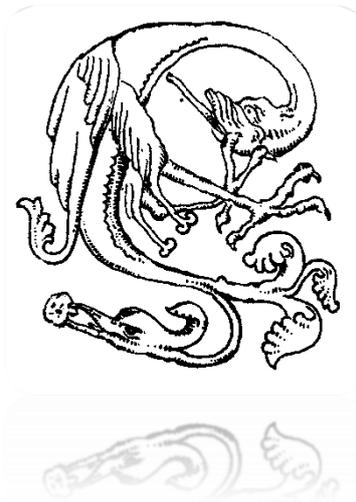
SOBRAL, Cristina – “Eremitas orientais na *Leyenda de los Santos* (Burgos, 1500) e no *Flos Sanctorum* (Lisboa, 1513)”. In *Medievalismo en Extremadura. Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media*. Coord. Jesús Cañas Murillo, Francisco Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2009, pp. 589-601.

VARAZZE, Iacopo da – *Legenda Aurea*. Edizione critica a cura di Giovanni Paolo Maggioni, seconda edizione rivista dall'autore. Firenze: Sismel-Edizioni del Galluzzo, 2000.

VORAGINE, Jacobus de – *Legenda aurea: vulgo historia Lombardica dicta ad optimorum librorum fidem*. Edita a Theodor Graesse. Lipsiae: Librariae Arnoldianae, 1846.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

SOBRAL, Cristina – ““To my surprise, I discovered...”: Harvey Sharrer e a Literatura Portuguesa”. *Medievalista* 36 (Julho – Dezembro 2024), pp. 523-545. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).